

## Práticas de texto: entre processo e produto

Matilde Gonçalves, Marta Fidalgo & Noémia Jorge

A unidade curricular Linguística do Texto, integrada na licenciatura em Ciências da Linguagem da Universidade NOVA de Lisboa, visa o desenvolvimento de aprendizagens no âmbito da descrição da organização macro, meso e microtextual, com base na observação e na análise de textos que circulam em sociedade e em diversas atividades de linguagem (académica, científica, jornalística, publicitária, quotidiana). Essas aprendizagens incidem, igualmente, no uso da língua em função dos textos e dos diversos contextos de produção e circulação e, conseqüentemente, promovem o conhecimento a ser aplicado, no futuro, em situações profissionais diversificadas, tais como o ensino das línguas, a edição de textos ou ainda a redação de textos para fins específicos. São constitutivos dos objetivos da Linguística do Texto os seguintes pontos:

- dominar instrumentos adequados para a descrição dos contextos de produção textual (contexto físico e contexto socio subjetivo);
- descrever os diversos níveis de textualidade (macro, meso e micro) e os recursos linguísticos mobilizados em cada nível;
- manipular instrumentos adequados para a descrição da arquitetura interna dos textos (infraestrutura geral, mecanismos de textualização e mecanismos de responsabilização enunciativa);
- analisar a arquitetura interna de textos de géneros diferentes no interior de um mesmo tipo de atividade ou associados a atividades diversificadas (académica, publicitária, jornalística, didática, jurídica, etc.).

O alcance dos objetivos apresentados pauta-se pelo conteúdo programático, que a seguir se apresenta de forma sintetizada:

### **Nível macrotextual**

- Noção de *texto*
- Implicações entre atividades de linguagem, géneros e boa formação textual
- Influência dos contextos físico e sociossubjetivo na produção textual
- Arquitetura textual e os seus diversos níveis
- Planos de texto

### **Nível mesotextual**

- Tipos de discurso
- Sequências prototípicas
- Outras unidades não tipificadas

### **Nível microtextual**

- Mecanismos de organização textual
- Mecanismos de coesão nominal e verbal
- Mecanismos de responsabilidade enunciativa

Modelada por uma abordagem heurística (Coutinho, 2017), a articulação entre os objetivos e os conteúdos motiva uma metodologia que implique as discentes no próprio processo de aprendizagem, tendo como ponto de partida quer os textos que circulam em sociedade, quer as temáticas que possam interessar às estudantes. Esta abordagem heurística sustenta-se, numa primeira fase, na observação e na intuição das discentes relativamente à organização textual nos seus diversos níveis, e, num segundo momento, é sustentada (ou alterada) pela docente com os instrumentos de análise desenvolvidos no âmbito da Linguística do Texto e do Discurso, enquadrados em particular pelo interacionismo sociodiscursivo (Bronckart, 1997). Sublinhe-se que essas observações suportadas por instrumentos de descrição e análise, para além de darem validade científica e enquadrarem a reflexão, guiam o próprio percurso de análise das estudantes.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas ao longo da UC Linguística do Texto 18|19, centradas na natureza dos textos, nas diversas configurações que podem assumir, no(s) modo(s) como circulam em sociedade, foi seguido metodologicamente um percurso marcado por duas etapas: a primeira, maioritariamente prático-teórica, baseou-se na observação, discussão e análise de textos concretos (selecionados pelas discentes, e pela docente); a segunda, essencialmente prática, teve como objetivo foi a realização do trabalho final, com o planeamento, a formulação de ideias (conteúdo), a textualização (escrita), a revisão e a reescrita. Nesse trabalho final, solicitou-se às discentes uma análise de textos, empíricos e atestados, em que discutissem as relações entre as atividades de linguagem, os formatos textuais (ou géneros) e os mecanismos de textualização, recorrendo aos instrumentos de análise apresentados e utilizados ao longo do semestre. A escolha deste tipo de trabalho prendeu-se com o desenvolvimento de aptidões para: 1) descrever e compreender como funcionam os textos em sociedade; 2) tomar consciência das diversas etapas de textualização; 3) apropriar(-se) do conhecimento (científico); 4) desenvolver um ponto de vista crítico, sustentado cientificamente, com vista à sua reutilização no âmbito profissional.

Descrevem-se, a seguir, de forma mais pormenorizada, as etapas que delinearão o trabalho das discentes. A partir dessa descrição, elaborar-se-á uma reflexão em torno do dinamismo que envolve a textualização, a saber o facto de um texto ser simultaneamente produto e processo.

### **O texto como produto e processo**

No âmbito da unidade curricular, as discentes foram confrontadas com alguns desafios propostos pela docente, naturalmente relacionados com práticas textuais efetivas, no sentido de se apropriarem de modelos que serão necessários ao longo do seu

percurso académico. Assim, numa primeira fase, as estudantes começaram por apresentar um trabalho oral às restantes colegas de turma, trabalho esse que incluiu igualmente a elaboração de uma breve esquematização, em formato *PowerPoint*, que serviu de suporte à apresentação. Num segundo momento, foi-lhes solicitado que procedessem à transposição do seu trabalho oral para um texto escrito, no qual poderiam também incorporar os comentários e observações que a docente e as colegas lhes haviam dirigido, com o intuito de potenciar os eventuais efeitos desta interação entre pares. Desta forma, foi possível obter dois conjuntos de trabalhos, isto é, dois conjuntos de produtos textuais, apresentados nas páginas XX.

Esta experiência de construção textual faseada teve como objetivo envolver as estudantes na relação dinâmica que se estabelece entre as modalidades de uso da língua – oralidade e escrita –, na medida em que os dois produtos textuais se complementam e estão relacionados entre si numa espécie de continuum textual (cf. Marcuschi, 1997: 132), não devendo, por isso, ser perspectivados como polos opostos. Concomitantemente, por resultarem de etapas processuais diferentes, esses produtos possuem características igualmente distintas, pelo que houve a preocupação de trabalhar esses dois processos, designadamente a textualização e a retextualização. Se o primeiro exercício exigiu maior capacidade de sistematização, até para respeitar o tempo definido para a apresentação oral em contexto de aula, o segundo implicou a confrontação do texto inicial (subjacente à apresentação oral) com textos de outros autores, assim como um maior posicionamento crítico por parte das estudantes. Não obstante, apesar de distintas, ambas as tarefas obrigaram a uma planificação prévia e a uma produção controlada, para que os textos cumprissem o seu propósito comunicativo, permitindo às estudantes refletir sobre as regularidades linguísticas, textuais e discursivas dos textos produzidos e potenciando o seu desenvolvimento pessoal e académico através da prática dos géneros textuais em causa.

Neste sentido, perspetivar as práticas textuais enquanto atividades propiciadoras do desenvolvimento humano permite considerar cada texto na sua dupla dimensão, isto é, como processo e como produto. Diversos são os autores que focam esse dinamismo. Plane *et al.* (2010) distinguem o texto e o texto em devir e refletem sobre os constrangimentos que exerce o texto já produzido no texto em devir, propondo uma metodologia que encare a temporalidade redacional para “comprendre comment le texte déjà produit et le texte à venir peuvent interagir, voire parfois interférer l'un avec l'autre” (2010: 7). Cislaru e Olive (2018) evocam a necessidade de trabalhar as articulações entre o processo (da textualização) e o texto (enquanto produto), tendo em conta a Linguística do Texto e a Psicolinguística da escrita.

No que se refere ao nosso trabalho, e tendo em conta o objetivo de aprendizagem da descrição da organização textual nos seus diversos níveis, com base na observação e na análise de textos que circulam em sociedade, interessa sustentar o que se entende por texto. Na continuidade dos trabalhos de Coutinho (2003, 2006, 2017), assumimos texto como uma unidade de comunicação global, empírico, circulando nas e pelas atividades de linguagem, que segue as regras organizacionais dos modelos (os géneros) por que se rege. Dentro deste quadro, sendo uma unidade de comunicação, o texto é encarado como produto. Numa outra vertente, coincidente com a primeira, um texto insere-se sempre num fluxo contínuo e dialógico (Voloshinov, 1981), fluxo esse materializado e semiotizado pelo processo de fazer texto – a textualização.

Retomando o contexto formativo e académico no qual se insere esta reflexão, para produzir um texto e alcançar a qualidade textual desejável, torna-se imprescindível a deslocação da atenção do produto (texto) em direção à do processo (textualização) – ou seja, dos conhecimentos declarativos (os saberes sobre) aos conhecimentos processuais (o saber-fazer, a ação), tal como preconiza Alamargot

(2013: 146). Apropriando-nos e transpondo a reflexão de Vygotsky referente à mudança do oral para o escrito, na qual se evidencia a passagem do “plano inconsciente e automático” para “um plano voluntário intencional e consciente” Vygotsky (2007: 261), acreditamos que o deslocamento do produto para o processo possibilita essa passagem do plano inconsciente ao consciente.

Ainda no âmbito das práticas efetivas de texto, é igualmente premente o retorno do processo ao produto, num movimento perpétuo e dialético, entre o saber e o fazer, no qual o texto não é mais uma forma de comunicar e veicular informação, mas sim uma ferramenta de construção do conhecimento humano (Bronckart, 1997, 2008; Gonçalves & Magalhães, 2019).

### Referências bibliográficas

Alamargot, D. (2013). Du produit rédigé au processus rédactionnel: vers la nécessaire interdisciplinarité. *Le français aujourd'hui*, 181(2), 145-151. doi:10.3917/lfa.181.0145.

Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours, et “degrés” de langue. *Texto!*, XIII (1). Disponível em [www.revue-texto.net/index.php?id=86](http://www.revue-texto.net/index.php?id=86)

Cislaru, G. & Olive, T. (2018). *Le processus de textualisation: Analyse des unités linguistiques de performance écrite*. Paris: DeBoeck Supérieur.

Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCT/FCG.

Coutinho, M. A. (2006). O texto como objecto empírico: Consequências e desafios para a linguística. *Veredas*, 10(1-2), 1-13.

Disponível em  
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25234>

Coutinho, M. A. (2017). Da natureza heurística da Teoria do Texto. *Investigações*, 30(2), 153-172. Disponível em  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/231381>

Gonçalves, M., & Magalhães, M. (2019). Corpus e géneros textuais nas práticas de divulgação de ciência ou as novas hierarquias na construção do conhecimento. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (5), 145-157. Disponível em <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a11>

Marcuschi, L. A. (1997). Oralidade e escrita. *Signótica*, 9, 119-145.

Plane, S., Alamargot, D. & Lebrave, J. (2010). Temporalité de l'écriture et rôle du texte produit dans l'activité rédactionnelle. *Langages*, 177(1), 7-28. doi:10.3917/lang.177.0007

Voloshinov, V. N. (1981). La structure de l'énoncé. In T. Todorov (Ed.), *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique. Suivi des Écrits du Cercle de Bakhtine* (pp. 287-316). Paris: Seuil.

Vygotsky, L. ([1934] 2007). *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.